

3. SOBRE A FUNDAMENTAÇÃO PARADIGMÁTICA DA EPISTEMOLOGIA DE SÍNTESE

“Se tomarmos a função triádica do signo ou Semiosis, como até agora fizemos, como a mediação necessária de qualquer interpretação do mundo. E, portanto, como uma condição da possibilidade de qualquer cognição da realidade. Então pode-se introduzir uma distinção bastante clara entre os três tipos possíveis de Filosofia Primeira, dependendo do fato de a fundamentação da Filosofia Primeira levar em consideração somente o primeiro, ou o primeiro e o terceiro, ou todos os três lugares da relação triádica do signo, a fim de explicar o tópico fundamental da Filosofia”.
(...) a Semiótica Transcendental, como foi até agora esboçada, pode ser considerada como um terceiro paradigma da Filosofia Primeira, o qual considera o ser como um objeto possível (denotatum e designatum) de uma interpretação do mundo mediada por signos, e, portanto, considera toda a relação triádica do signo como o tópico fundamental da Filosofia.” [APEL, Karl-Otto, mimeo:UFRGS]

No ponto de partida para a elaboração de um paradigma, que pretenda a superação da crise epistemológica contemporânea, vale reflexionar-se sobre a afirmação de HABERMAS, segundo a qual: (...) *o saber que empregamos quando dizemos algo a alguém é mais abrangente que o saber estritamente proposicional ou relativo à verdade* (HABERMAS, 1989: 43).

Uma primeira consequência desse ponto de vista, questiona as bases em que se estabeleceu, numa tentativa de superação do paradigma da ciência em crise (SANTOS, 1989: 13), a distinção dilemática entre a *relação eu-tu (relação hermenêutica)* e a *relação eu-coisa (relação epistemológica)*.

Ainda mais precisamente, trata-se de questionar a assertiva de HABERMAS, segundo a qual: *A epistemologia só se ocupa desta última relação entre a linguagem e a realidade, ao passo que a hermenêutica tem de se ocupar, ao mesmo tempo, da tríplice relação de um proferimento que serve (a) como expressão da intenção de um falante, (b) como expressão para o estabelecimento de uma relação interpessoal entre falante e ouvinte e (c) como expressão sobre algo no mundo.*[1989: 43]

Embora possa assistir-lhes alguma razão - a HABERMAS e a SANTOS - ao pretenderem restringir o **campo da análise epistemológica** ao terceiro movimento da prática hermenêutica, que surpreende a *relação entre o discurso e algo no mundo*, nem por isso parece necessária uma conclusão (implícita ou, pelo menos, equívoca na sua argumentação), no sentido que a análise epistemológica devesse ficar circunscrita a um *modo cognitivo*, e portanto *não-comunicativo*, de utilização da linguagem.

Existe, propriamente, algo de circular em nossa concepção do **fazer comunicativo**. Como também o é, a percepção de que a **epistemologia**, embora visualize na **hermenêutica o método de investigação do interesse** - que enquadra uma abordagem performativa [compreensiva] da relação entre o discurso e a realidade - nem por isso se reduz, necessariamente, a uma região delimitada de sua operação.

Nessa abordagem, tanto o **agir comunicativo** como o **fazer comunicativo** (e assim o **fazer epistemológico e o fazer científico** que lhe são conseqüentes) implicam uma atitude performativa, no sentido próprio que lhe confere HABERMAS: uma perspectiva de **interpretação** associada a um **uso comunicativo da linguagem**.

Disso decorre que, onde se pretenda visualizar, no prospecto da epistemologia contemporânea, apenas, um uso cognitivo da linguagem: ou se vela o jogo dos interesses emergentes na conexão tríplice do signo, deturpando na mesma razão o sentido concreto da prática subjacente; ou se lhe recusa a própria expressão lingüística, bloqueando sua representação no campo da consciência.

Nessa perspectiva, a hermenêutica considera *a linguagem em ação*, (inserindo-se, assim, na ótica do falante e do ouvinte - na **perspectiva do agir comunicativo**), com o objetivo de chegar a uma maneira de ver comum - ou **entendimento** - e vê-se assim envolvida na *reprodução do mundo da vida* (HABERMAS, 1989: 41-42). A epistemologia, por sua vez, sinalizada pelo terceiro movimento da análise hermenêutica - com o objetivo de chegar ao **conhecimento**, como uma reconstrução comunicativa do discurso sobre o mundo - de alguma forma, também se envolve na totalidade desse processo: supõe e retroage sobre os dois primeiros movimentos da análise hermenêutica (a compreensão das intencionalidades do falante e do ouvinte, e a estruturação da sua mediação lingüística) para explicitar, num segundo nível de elaboração, as condições gerais da sua validade.

3.1 Os pólos diádicos da tríplice conexão entre o proferimento e o mundo e sua contribuição à elucidação do modo de produção do saber

As implicações de uma concepção performativa do entendimento e do conhecimento encontram um ponto de apoio importante nas assertivas de HABERMAS, que dão conta dos **pólos diádicos** de focalização, a partir dos quais se torna possível, de um lado, desvelar a dimensão reflexiva das ações comunicativas e, de outro, identificar as condições lingüísticas da sua justificação ou validade.

Cabe distinguir, assim, os **dois sentidos em que pode ser exercitado o uso comunicativo da linguagem**, os quais, na expressão de HABERMAS, embora designados pelo mesmo conceito [hermenêutica], referem impactos distintos do processo da comunicação:

- a) de um lado, *a tríplice conexão entre o proferimento e o mundo apresenta-se ‘intentione recta’, isto é nas perspectivas do falante e do ouvinte;*
- b) de outro, *a mesma conexão pode ser analisada ‘intentione obliqua’, na perspectiva do mundo da vida ou contra o pano de fundo das suposições e práticas comuns, nas quais toda comunicação particular está inserida desde o início de uma maneira não ostensiva.* (HABERMAS, 1989:41)

No primeiro caso, na ótica do **agir comunicativo**, a conexão tríplice entre o proferimento e o mundo, realiza-se pela representação simbólica, no nível da consciência, da maneira de ver comum do falante e do ouvinte sobre um determinado estado da realidade. Denota a percepção da realidade e o acordo sobre o seu significado. Representar-se aqui, o horizonte e os limites da própria percepção, é também compreender a perspectiva do outro, como interlocutor e, nisso, deixar-se conhecer. É nesse sentido de **interação** que, propriamente, emerge o conceito de auto-reflexão comunicativa, voltada à clarificação da própria capacidade de expressão ou proferimento. Sua disciplina é a interpretação

HERMENÊUTICA¹ - que mais caberia designar-se por uma **pedagogia da construção do entendimento** - resgatando-se, no específico, a **dialógica socrática** como o método privilegiado do processo educativo.

Essa concepção da HERMENÊUTICA é consistente, também: com a abordagem construtivista de KOHLBERG [1991], que conjuga educação como desenvolvimento - ou dialética da ultrapassagem de estádios - da consciência moral; com a *pedagogia da construção de uma epistemologia pragmática* visualizada por SANTOS [1989:29]; e com *el programa de investigación que tiene por objeto reconstruir la base universal de validez del habla* [HABERMAS, 1993: 302].

No segundo caso, na ótica do **fazer comunicativo**, o falante e o ouvinte daquela tríplice conexão, estão envolvidos, no **nível das conexões lingüísticas**, na elaboração dos conteúdos sógnicos, destinados a assegurar o desempenho das *funções que as ações comunicativas realizam para a reprodução do mundo da vida comum* (HABERMAS, 1989:41). O **fazer comunicativo** denota aqui a formalização e institucionalização do enunciado que resulta da ação comunicativa. É neste sentido de **produção** do saber, que se cristaliza o conceito de **auto-realização participativa**, como a outra face do comportamento reflexivo, voltada à instrumentalização da própria capacidade de **aplicação** do conhecimento. Sua disciplina, podemos designá-la como **HEURÍSTICA**²: uma **metodologia dos processos cognitivos** ou, em outros termos, uma lógica da significação e da inferência, capaz de emular o raciocínio e explicitar as condições da inteligibilidade e da operacionalidade dos conteúdos lingüísticos envolvidos nas ações comunicativas, que impactam no mundo da vida.

No paradigma da epistemologia de síntese, essa configuração dúplice da auto-reflexão e da auto-realização comunicativas orientadas ao entendimento e ao conhecimento, que se consubstanciam nas disciplinas da **Hermenêutica** e da **Heurística**, é indissociada do modo de operação do INTERESSE DA RECONSTRUÇÃO TEÓRICA DO SIGNIFICADO. Enquanto “*ciências normativas*”, no sentido que PEIRCE confere à lógica, essas disciplinas estabelecem uma relação entre os fenômenos, com que trabalha o processo de comunicação lingüística, e os fins estabelecidos enquanto “princípio” e “arquetipo pela função correspondente a esse interesse epistemológico na topologia da verdade [quais sejam, a crítica e o método].

Da mesma forma, no âmbito dos demais interesses epistemológicos, a perspectiva de análise da epistemologia de síntese, identifica a operação de disciplinas correlatas, tomando por objeto de estudo o conteúdo dos respectivos “princípios” e “arquetipos”, que, no seu conjunto, conformam um **divisão funcional do saber**.

Assim, no âmbito do INTERESSE DA FUNDAMENTAÇÃO TRANSCENDENTAL DO ENTENDIMENTO, a perspectiva do **agir comunicativo**, compreendida pelo **princípio da razão**, poderá ser identificada ao objeto de estudo que contempla a perspectiva de uma **SEMIÓTICA TRANSCENDENTAL**, como a elabora de Karl-Otto APEL [mimeo, UFRGS], rendendo tributo ao arcabouço conceitual de PEIRCE [1977]: o esclarecimento do significado racional de uma visão de mundo

¹ Alternativamente, poderíamos utilizar aqui a denominação da PRAGMÁTICA UNIVERSAL, proposta por HABERMAS para a disciplina que “*tiene como tarea identificar y reconstruir las condiciones universales del entendimiento posible.*” [1993: 299]

² No pensamento de PEIRCE, corresponderia à Lógica e, assim, ao conceito da Semiótica. Reservamos, no entanto, a utilização desse último termo, para a designação da Semiótica Transcendental, como uma “filosofia primeira”. Assim, para evitar a confusão terminológica, utilizamos o termo Heurística, para designar a metodologia universal dos processos da inferência.

mediada pela tríade sgnica. De outro lado, a perspectiva do **fazer comunicativo**, delimitada pelo **arqué-tipo do paradigma**, aponta para a fundação de uma nova teoria do conhecimento, que se constitui no objeto próprio do nosso texto: a **EPISTEMOLOGIA DE SÍNTESE**.

E, no âmbito do INTERESSE DA COMPREENSÃO PARTICIPATIVA DO DISCURSO, a conseqüência prática do **agir** e do **fazer comunicativos**, ganha expressão, na esteira: dos conteúdos evocados pelo **princípio da sabedoria prática** e das determinações posicionadas pelo **arquetipo da consciência**; que, a sua vez, serão objeto de estudo nas disciplinas da **ÉTICA**³ e da **POLÍTICA**.

O enquadramento dessa análise, que a **Tabela 12** sintetiza, intervm no debate epistemológico contemporâneo, com o mérito de apontar-nos a possibilidade sistemática e consistente de **precisar o lugar da epistemologia na divisão funcional do saber**.

³ “Não  necessário ser um pensador profundo a fim de desenvolver as concepções morais mais verdadeiras; mas eu afirmo, e provarei sem contestação, que a fim de bem raciocinar, a não ser num modo puramente matemático, é, absolutamente necessário possuir, não apenas virtudes como as da honestidade intelectual, da sinceridade e de um real amor pela verdade, mas sim as concepções morais mais altas.” (PEIRCE, 1977: 22)

TABELA 12 - Estrutura das polaridades diádicas, na análise da tríplice conexão entre o proferimento e o mundo - caracterização morfológica da necessidade e conceito de uma epistemologia de síntese.

<p>Usos comunicativos da Linguagem</p> <p>Interesses Epistemológicos</p>	<p><u>Intentione recta</u></p> <p>- na perspectiva do ouvinte e do falante (<u>agir comunicativo</u>)</p>	<p><u>Intentione obliqua</u></p> <p>- na perspectiva da comunidade lingüística e do mundo da vida (<u>fazer comunicativo</u>)</p>
<p>INTERESSE DA FUNDAMENTAÇÃO TRANSCENDENTAL DO ENTENDIMENTO</p>	<p><u>SEMIÓTICA TRANSCENDENTAL</u> - nova abordagem da Filosofia Primeira (Karl-Otto APEL) - Expressão da RAZÃO como tríade (princípio do entendimento enquanto <i>théoria</i>).</p>	<p><u>EPISTEMOLOGIA DE SÍNTESE</u> - nova abordagem da Teoria do Conhecimento. Expressão do PARADIGMA TRIÁDICO (arquétipo do conhecimento enquanto <i>théoria</i>).</p>
<p>INTERESSE DA RECONSTRUÇÃO TEÓRICA DO SIGNIFICADO</p>	<p><u>HERMENÊUTICA</u> - como pragmática universal [HABERMAS, 1993: 299-368]: a identificação e construção das condições universais do entendimento (pres-supostos universais da ação comunicativa - situação ideal de fala); como dialógica socrática: a pedagogia da construção do entendimento; ou, como pedagogia de uma epistemologia pragmática [SANTOS: 1989]. Expressão da CRÍTICA (princípio do entendimento enquanto <i>poiésis</i>).</p>	<p><u>HEURÍSTICA</u> - como lógica dos processos cognitivos (inferência) [PEIRCE, 1977] Expressão do MÉTODO (arquétipo do conhecimento enquanto <i>poiésis</i>).</p>
<p>INTERESSE DA COMPREENSÃO PARTICIPATIVA DO DISCURSO</p>	<p><u>ÉTICA</u> - como disciplina dos processos educativos para a formação moral [KOHLBERG, 1991] - Expressão da SABEDORIA PRÁTICA (princípio do entendimento enquanto <i>práxis</i>).</p>	<p><u>POLÍTICA</u> - como disciplina da reprodução-reconstrução do mundo da vida - Expressão da CONSCIÊNCIA (arquétipo do conhecimento enquanto <i>práxis</i>).</p>

É significativo que os três planos de elaboração da linguagem pelo agir e o fazer comunicativos, em função dos três Interesses Epistemológicos [como figurados na **Tabela 12**], correspondam, a uma

totalidade de sentido demarcada pela sua irreducibilidade e intercomplementaridade. Da sua explicitação resulta uma virtual **morfologia do modo de produção do SABER**. E, desde logo, verifica-se que esse processo é desencadeado pela necessidade de realização das exigências funcionais dos interesses epistemológicos.

Todas essas interações comunicativas correspondem às necessidades funcionais, respondidas pela operação dos interesses epistemológicos sobre a mediação simbólica, que ocorre no *locus* da linguagem, seja como **AUTO-REFLEXÃO COMUNICATIVA**, seja como o seu correlato da **AUTO-REALIZAÇÃO PARTICIPATIVA**. Isso que, na ótica da epistemologia de síntese, se desborda no ambiente estrutural do processo de comunicação lingüística, atualizando-se na reprodução do mundo da vida, sob a forma das **quatro divisões estruturais dos saberes** - FILOSOFIA, ARTE, CIÊNCIA E RELIGIÃO.

Assim figurado, esse virtual **modo de produção do saber**, na compreensão paradigmática da epistemologia de síntese, reconhece a opacidade da estrutura, e assim, também, ininteligibilidade da conjuntura, fora da sua implicação mútua de significados, cuja elaboração constitui o cerne da auto-reflexão - o entendimento e o conhecimento.

Explicita-se aqui, a percepção da **centralidade da reflexão epistemológica, como fundamentação para o desbordamento do agir e do fazer comunicativos na quaternidade dos saberes**, competindo-lhe, hoje, e sistematicamente, a tarefa de sinalizar “que, num processo de hegemonia científica as conseqüências são as únicas causas da ciência e que, se é nelas que se deve procurar a justificação desta, é nelas também que se devem procurar os limites da justificação” (SANTOS, 1989:28).

Conseqüente com essa abordagem, o nosso fazer epistemológico ganha consistência: o mapeamento da conjuntura de crise do cientificismo moderno, abre o campo das possibilidades prático-teóricas que viabilizam a elaboração paradigmática da epistemologia de síntese.

3.2 A lógica da inferência em PEIRCE e sua contribuição à elucidação do modo de produção do saber

No âmbito dessa abordagem epistemológica, o conceito peirceano da INFERÊNCIA pode se constituir num elemento adicional de esclarecimento.

Como totalidade, na tríade sîgnica, o movimento da INFERÊNCIA - como abdução-indução-dedução - se reproduz por inteiro, nas estruturas e funções do processo da comunicação lingüística. Cada uma das suas operações lógicas, portanto, corresponde privilegiadamente, a cada uma das funções desempenhadas pelos interesses epistemológicos; e assim, também, transaciona privilegiadamente conteúdos de cada um dos ambientes estruturais designados pelo conceito dos campos de atualização do saber.

Ademais, o movimento da INFERÊNCIA incide, também, na dialética triádica no interior de cada interesse epistemológico; e assim também, na conformação de cada uma das suas subtríades. A lógica triádica, nesse sentido, é universal: articula a relação entre os vários interesses epistemológicos, na correspondência inferencial dos seus **princípios** e **arquétipos**, e, da mesma forma, no âmbito de cada interesse epistemológico, articula a correspondência inferencial das categorias que correspondem à constelação das suas subtríades.

Na seqüência dessa análise, será necessário clarificar como a díade peirceana do signo-inferência [correspectivamente do fazer e do agir comunicativo] ilumina os diferentes níveis de relações, que configuram o modo de produção do saber: a) as relações constitutivas do **processo de comunicação lingüística**, que configuram os campos de atualização do saber e os interesses epistemológicos; b) as relações constitutivas da **divisão funcional do saber** - que articulam as diferentes categorias de “princípios” e “arquetipos” na produção do saber; c) as relações constitutivas da **divisão estrutural do saber** - que correspondem a uma expressão híbrida, que resulta da imbricação da tríade sgnica, com a polaridade diádica do fazer e do agir comunicativos.

No ponto de partida dessa análise, a **Tabela 13**, visualiza as correspondências conceituais postuladas por PEIRCE, entre os conceitos da semiótica e da inferência.

Tabela 13 - Correspondências entre as categorias da semiósis e da inferência no pensamento de PEIRCE

ELEMENTOS SÍGNICOS (semiótica)		MODOS DA INFERÊNCIA (semiósis)	
Categorias do signo	Qualidades categoriais do signo	Momentos da lógica triádica	Formas do raciocínio correspondentes
Fundamento do <i>representámen</i>	Originalidade	Primeiridade	Abdução
Objeto	Obsistência	Secundidade	Indução
Interpretante	Transuasão	Terceiridade	Dedução

Em PEIRCE, a **relação entre os conceitos do signo (ou semiótica) e os modos da inferência (ou semiósis) é linear**, correspondendo os respectivos conceitos, na mesma ordem e no mesmo nível de sua enumeração, às realidades complementares da expressão e forma do raciocínio. Inobstante, o próprio PEIRCE, em alguns momentos, vacilou a esse respeito; em outros, chegou a contradizer-se.⁴ É, exatamente, nesse ponto que a nossa abordagem representa um avanço em relação à semiótica estritamente

⁴ PEIRCE reconheceu explicitamente essa ambiguidade: “Com referência às relações destes três modos da inferência com as categorias e no tocante a certos outros detalhes confesso que minhas opiniões têm oscilado...” [1977:207] Essa oscilação pode ser diretamente observada no que respeita ao caráter da secundidade - que eventualmente atribui à indução, quando na maior parte de seus desenvolvimentos lhe reserva a terceiridade: *verbis* - “La inducción pertenece a la secundidad, está fundada en la experiencia pasada”y “por lo tanto “nos anima a esperar que triunfará en el futuro (2.270)”[Deledalle, mimeo, pág. 15]. Em conseqüência, também o estatuto da dedução é ambíguo, encontrando-se em PEIRCE referências à sua concepção como terceiridade. É o que se encontra documentado em Deledalle: “La deducción se plantea al nivel de la terceiridad, siendo un argumento, cuyo interpretante representa pertenecer a una clase general de argumentos posibles exactamente análogos, tales que a largo plazo, en el curso de la experiencia, la mayoría de aquellos cuyas premisas sean verdaderas tendrán conclusiones verdaderas (2.267)”[Deledalle, mimeo:15].

peirceana: o reconhecimento da duplicidade triádica do agir e do fazer comunicativos, e da sua relativa autonomia e interação, extrapola os limites de inteligibilidade e previsibilidade alcançados pela lógica triádica em PEIRCE... porque implica numa operação de **resgate do potencial duplo-gerante** das relações diádicas na própria origem da tríade - as quais são originárias de sentido no resultante modo de produção do saber.

Na EPISTEMOLOGIA DE SÍNTESE, na medida em que **signo e inferência representam polaridades de uma tensão diádica**, que se polariza nas duas tríades do agir e do fazer comunicativos, essa relação precisa ser decomposta na sua correspondência formal e na diferenciação substantiva do respectivo significado. Radica nessa distinção, a sua principal contribuição à decifração do modo de produção do saber. Isso que, em PEIRCE, não atinge a conseqüência necessária dos seus próprios conceitos, por manter-se obscura e inexplorada a possibilidade da subsistência e da coexistência de uma tensão diádica, subjacente à dinâmica triádica das categorias do signo e dos modos da inferência, problematizando-se a sua simples e linear correspondência.

De um lado, postulamos que as categorias do signo - fundamento, objeto e interpretante - representam-se: como **originalidade** no Campo de Fundamentação Transcendental do Saber; como **obsistência** no Campo de Estruturação Teórica do Saber; e como **transuasão** no Campo da Realização Prática do Saber. De outro lado, passaremos a demonstrar que as categorias da inferência, ao se representarem nas funções comunicativas, designadas pelo conceito dos interesses epistemológicos, não o fazem em correspondência linear com os campos de atualização do saber designados pelas categorias do signo.

Revela-se aqui o sentido de uma inversão de significado, que subjaze à correspondência meramente formal desenvolvida no tratado peirceano da lógica triádica.

Essas considerações apontam para uma **hipótese teórica** - cujo significado encontra seu paralelo, no processo de “*inversão da dialética hegeliana*” no pensamento marxista - a qual postula que: **no modelo básico da comunicação lingüística, sob a ótica da epistemologia de síntese, se verifica uma inversão na correspondência conceitual, linearmente apreendida por PEIRCE, entre o SIGNO e a INFERÊNCIA.** A Tabela 14, a seguir, explicita essa proposição.

Tabela 14 - Inversão epistemológica das correspondências conceituais da semiótica de PEIRCE no processo da comunicação lingüística [modo de produção do saber].

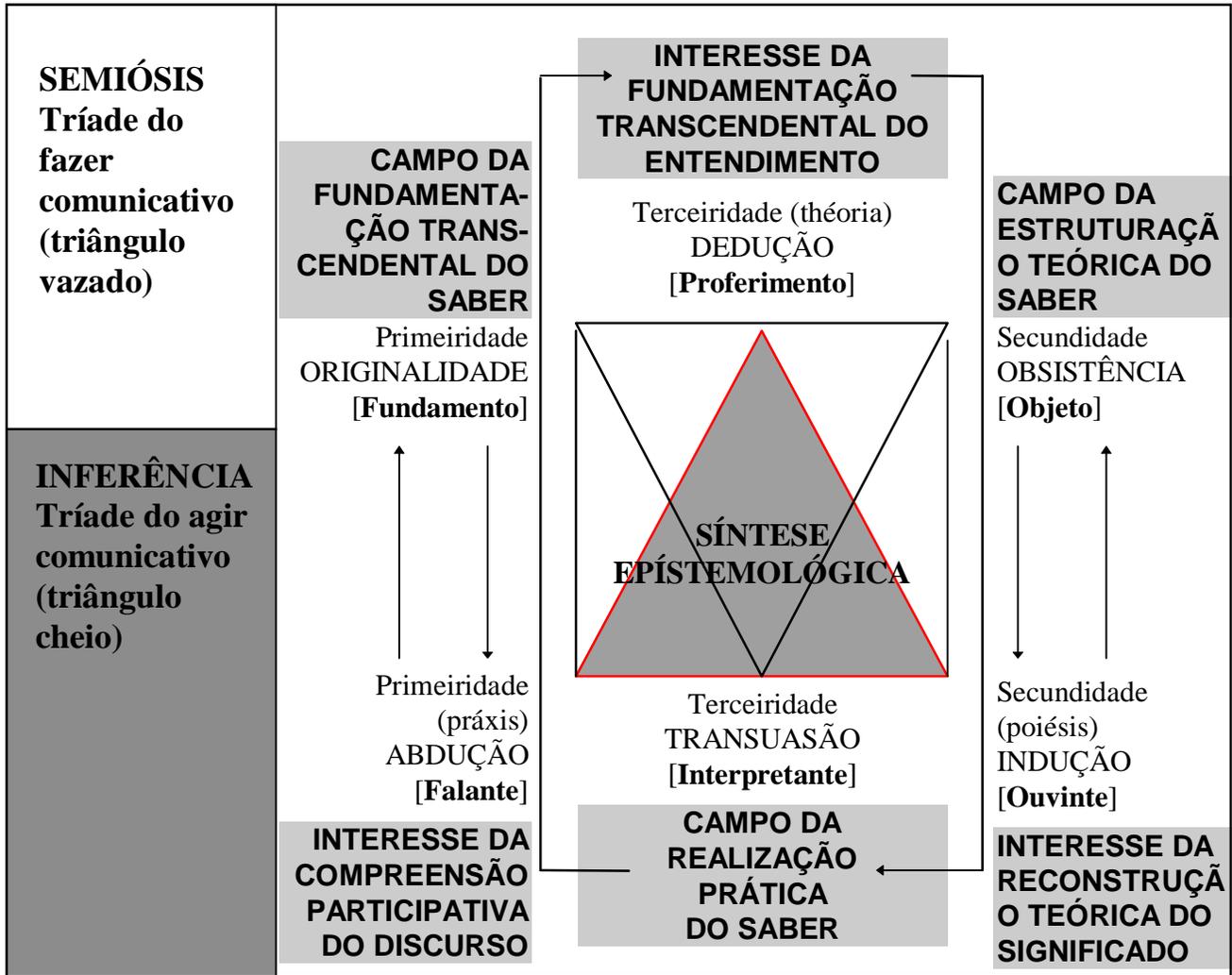
AMBIENTE ESTRUTURAL DO PROCESSO DE COMUNICAÇÃO	COMPONENTES DA SEMIÓTICA NAS CATEGORIAS DO FAZER COMUNICATIVO	ASPECTOS DA INFERÊNCIA NAS CATEGORIAS DO AGIR COMUNICATIVO	FUNÇÃO DESEMPENHADA NO MODO DE PRODUÇÃO DO SABER		
Campos de atualização do saber	Categorias do signo	Qualidades categoriais	Interesses epistemológicos	Qualidades categoriais	Categorias da lógica triádica
Fundamentação Transcendental do Saber – NATUREZA INTERNA	Fundamento do <i>representámen</i>	Originalidade (primeiridade)	Fundamentação Transcendental do Entendimento - THÉORIA	Dedução (terceiridade)	Raciocínio necessário - ou relacional entre dois estados de coisas ideais
Estruturação Teórica do Saber – SOCIEDADE	Objeto	Obsistência (secundidade)	Reconstrução Teórica do Significado - POIÉSIS	Indução (secundidade)	Raciocínio experimental que determina o valor de uma quantidade
Realização Prática do Saber - NATUREZA EXTERNA	Interpretante	Transuasão (terceiridade)	Compreensão Participativa do Discurso - PRÁXIS	Abdução (primeiridade)	Raciocínio hipotético - ou processo de formação de uma hipótese

É que a **primeiridade** na **semiótica**, enquanto **originalidade**, designa o CAMPO DA FUNDAMENTAÇÃO TRANSCENDENTAL DO SABER como *locus* da sua atualização sgnica; na **inferência**, entretanto, enquanto **abdução**, designa privilegiadamente, a capacidade funcional do INTERESSE DA COMPREENSÃO PARTICIPATIVA DO DISCURSO, como vetor da sua operação lógica. A **secundidade**, por sua vez, na **semiótica**, enquanto **obsistência**, designa o CAMPO DA ESTRUTURAÇÃO TEÓRICA DO SABER, como *locus* da sua atualização sgnica; na **inferência**, por igual, enquanto **indução**, designa a capacidade funcional do INTERESSE DA RECONSTRUÇÃO TEÓRICA DO DISCURSO, como vetor da sua operação lógica. A **terceiridade**, finalmente, na **semiótica**, enquanto **interpretante**, designa o CAMPO DA REALIZAÇÃO PRÁTICA DO SABER como *locus* da sua atualização sgnica; na **inferência**, todavia, enquanto **dedução**, designa privilegiadamente a capacidade funcional do INTERESSE DA FUNDAMENTAÇÃO TRANSCENDENTAL DO ENTENDIMENTO, como vetor da sua operação lógica.

É importante salientar, não obstante, que nossa hipótese teórica, da inversão na correspondência conceitual entre os conceitos do signo e da inferência, **não revoga** a correspondência estabelecida por PEIRCE. Mas, a qualifica: pelo duplo reconhecimento: da natureza diferenciada das dimensões da realidade, em que esses dois processos se atualizam; e, assim também, da conseqüência diferenciada da sua realização no processo de produção do saber.

Utilizando-se, do mesmo esquema morfológico da dupla tríade invertida, com a qual representamos o diagrama da auto-reflexão comunicativa, podemos esclarecer o **efeito espelho**, que denota o caráter, a sua vez rigorosamente simétrico, e no entanto substancialmente diferenciado, da correspondência conceitual entre as categorias do signo e os modos da inferência. Isso que, vai se configurar, propriamente, como uma reprodução daquela mesma correspondência, que o **agir comunicativo** mantém com o respectivo **fazer comunicativo**. Ressalte-se, no entanto, que, ao se refletirem, um no outro, o signo e a inferência, o agir e o fazer comunicativos, engendram: aspectos tão distintos da realidade como o respectivo entendimento e conhecimento; momentos tão diferenciados como o que é sempre-já-dado e a sua ruptura; e impactos tão distintos como a expressão de um entendimento e a aplicação de um conhecimento, no ambiente estrutural-funcional do processo da comunicação lingüística.

Quadro 7: Figuração da hipótese do efeito espelho: inversão conceitual da tríade lógica no movimento diádico do SIGNO e da INFERÊNCIA em PEIRCE.



O **Quadro 7** figura a demonstração sintética daquilo que a nova lógica triádica na epistemologia de síntese nos permite postular. Isso, que nos permite clarificar a conseqüência radical de sua origem peirceana, no fato que, sendo substantivamente distintos, o agir e o fazer comunicativos, são, no entanto, essencialmente idênticos e absolutamente correspondentes, de tal forma que, aquilo que está posto no mundo da expressão pelo agir, se reflete no mundo da aplicação pelo fazer, não importa quanto diferente seja a realidade que os suporta. O que, de alguma forma, nos remete à lembrança, pela **analogia**, uma conhecida passagem dos chamados Versos Esmeraldinos:

*“Verum sine mendacio, certum et verissimum:
quod est inferius est sicut quod est superius,
et quod est superius est sicut quod est inferius,
ad perpetranda miracula rei unius.”*
[apud MEBES, ed. 1989-97:102]⁵

⁵ Numa tradução portuguesa significa: “É verdadeiro e não falso, certo e completamente verídico [portanto, adequado às três formas de manifestação do raciocínio - como dedução verdadeira, abdução legítima e indução confirmada] que o inferior é

3.3 *A divisão clássica da filosofia, a concepção triádica do signo e os paradigmas da Filosofia Primeira em Karl-Otto APEL*

Hermenêutica e Heurística, como estão definidas em nossa abordagem, correspondem a uma das três divisões da Filosofia, visualizadas por PEIRCE. Em específico, correspondem ao conceito de uma *CIÊNCIA NORMATIVA* [PEIRCE, 1977:198], que se debruça sobre o estudo das leis que regulam as relações dos fenômenos aos Fins; entre eles, a Verdade, o Direito, a Beleza. Tratar-se-ia, essa Ciência Normativa, na lógica PEIRCEana, de uma secundidade, à qual correspondem outras duas divisões na Filosofia: a Fenomenologia, que trata das qualidades universais dos fenômenos, como primeiridade ou “*filosofia primeira*” [APEL, mimeo-UFRGS]; e a Metafísica, que PEIRCE remete à tarefa da compreensão da realidade dos fenômenos.

Na perspectiva da epistemologia de síntese, caberia observar-se que a divisão triádica da filosofia proposta por PEIRCE, na explicitação da sua concepção triádica, passa a refletir, agora, a polaridade diádica - do agir e do fazer comunicativos - já clarificada em nossa abordagem, originando-se, destarte, uma **classificação sêxtupla** dos estudos filosóficos contemporâneos. Caberia, também, retirar desse novo arcabouço teórico algumas implicações adicionais: de um lado, para precisar o conteúdo definicional desse novo paradigma da filosofia, que focaliza o **estudo do ser, como objeto possível de uma visão de mundo mediada pelas condições estruturais e funcionais do agir e do fazer comunicativos**; de outro lado, para delimitar a abrangência dos conteúdos inerentes às diferentes disciplinas, que emergem no desvelamento da problemática contida pela **dialética sêxtupla da sua dupla tríade**.

É demarcatória dessa abordagem, a conferência realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde Karl-Otto APEL esboçou os contornos de uma verdadeira revolução paradigmática na filosofia contemporânea, ao clarificar algumas implicações da concepção triádica do signo em Charles Sanders PEIRCE.⁶

análogo ao superior e o superior é análogo ao inferior [que se infere, portanto, pela analogia, de um conjunto limitado de objetos que, estando estes em concordância sob vários aspectos, podem muito provavelmente estar em concordância sobre outros, igualmente significativos - cfr. PEIRCE, 1977: 6] *para a possibilidade de penetrar nas maravilhas da totalidade única* [ou seja, como uma condição para o acesso à compreensão totalizante da auto-reflexão comunicativa].

⁶ *Se tomarmos a concepção triádica do signo ou Semiósis - como até agora fizemos, como a mediação necessária de qualquer interpretação do mundo e, portanto, como uma condição de possibilidade de qualquer cognição da realidade. Então pode-se introduzir uma distinção bastante clara entre os três tipos possíveis de Filosofia Primeira, dependendo do fato de a fundamentação da Filosofia Primeira levar em consideração somente o primeiro, ou o primeiro e o terceiro, ou todos os três lugares da relação triádica do signo, a fim de explicar o tópico fundamental da filosofia.(...) Os três tipos possíveis de Filosofia Primeira, distinguidos de acordo com a ordem de sucessão semiótica proposta, podem ser mais ou menos identificados com os três paradigmas da Filosofia Primeira, como eles seguiram-se uns aos outros na História da Filosofia. Pois pode ser dito que a Metafísica Geral, ou Ontologia, no sentido aristotélico, considera o ser real (I), como possível de ser designado ou denotado pelos signos da nomeação (nomes próprios e genéricos), como o tópico fundamental da Filosofia. No entanto, na Filosofia Transcendental, ou Crítica da Razão Pura, no sentido kantiano, pode ser dito se considerar o ser (I) somente enquanto ele é um objeto cognitivo possível do sujeito transcendental ou da consciência (III), enquanto um tópico da Filosofia, sem considerar a linguagem ou a função do signo (II), como uma condição transcendental da possibilidade de interpretação do mundo intersubjetivamente válida, e, portanto, da constituição do objeto. Finalmente, a Semiótica Transcendental, como foi agora esboçada, pode ser considerada como um terceiro paradigma da Filosofia Primeira, o qual concretiza o ser como um objeto possível (denotatum e designatum) de uma interpretação do mundo mediada por signos, e, portanto, considera toda a relação triádica do signo como o tópico fundamental da Filosofia* [APEL, mimeo:UFRGS]

Na postulação de APEL, o novo paradigma da filosofia primeira [que identifica aos fundamentos da lógica triádica na Semiótica PEIRCEana] é visualizado como uma terceiridade, um momento de transição dos paradigmas aristotélico e kantiano, que assim compreende no desvelamento da sua própria temática toda a tradição anterior da filosofia ocidental. A formulação do Terceiro Paradigma da Filosofia Primeira em APEL, incorpora dessarte as percepções de Kuhn e Popper, que enfatizam o caráter inclusivo de um novo paradigma ou teoria, relativamente aos pressupostos do fazer comunicativo que ficam revogados pela nova abordagem da realidade.

APEL reconhece, também, um sentido teleológico (hegeliano), implícito na sucessão paradigmática, em que o novo aparece como **síntese** das contradições emergentes na crise do(s) modelo(s) explicativo(s) que o antecedem - sem que isso, no entanto, represente uma afirmação da sua inexorabilidade. Do reconhecimento dessa condição do conceito resulta, também, a designação que adotamos para a definição paradigmática da teoria do conhecimento, no âmbito do Terceiro Paradigma da Filosofia Primeira: **Epistemologia de Síntese**.

A linha de consequência na investigação filosófica, assim aberta pela concepção triádica do signo como base para elaboração de um Terceiro Paradigma da Filosofia Primeira (Semiótica Transcendental), abre um campo especulativo de proporções ainda não plenamente visualizadas no que respeita às suas derivações e implicações paradigmáticas.

Nossa abordagem neste texto agrega, aos conteúdos já identificados por APEL, a **problemática da duplicidade triádica** que vimos desenvolvendo. Especificamente, trata-se de aprofundar o sentido, e as interconexões **do agir** (*intentione recta*) e **do fazer** (*intentione oblíqua*) **comunicativos**, na configuração de uma divisão sêxtupla da filosofia. Observe-se que, nesse contexto, a epistemologia de síntese é desatrelada de uma posição caudatária da disciplina do método, a que a haviam reduzido as vertentes racionalistas e empiricistas da Filosofia da Ciência.

Uma primeira abordagem dessas interconexões, poderia socorrer-se da divisão aristotélica sobre os três grandes campos da produção do saber como Filosofia, a saber:

- a) *o estudo da razão de tudo o que é, pelas suas causas primeiras* - Filosofia Primeira ou Metafísica;
- b) *o estudo da razão como meio para se chegar à verdade* - Lógica; e
- c) *o estudo da razão para o bem da nossa vida* - Filosofia Prática [MARITAIN, 1968:96/97].

Conjugando-se as proposições de Karl-Otto APEL, sobre a sucessão histórica dos paradigmas da Filosofia Primeira, com a divisão funcional do saber, viabilizada sobre as polaridades diádicas das tríades do agir e do fazer comunicativos, que elaboramos na seção anterior (**Tabela 14**), torna-se possível esboçar uma esquemática para a reconstrução da sucessão histórico-paradigmática nos campos que definem as três grandes divisões clássicas da Filosofia.

Tabela 15 - Estrutura e sucessão histórico-paradigmática na divisão clássica da produção do saber como filosofia, sinalizando o *locus* paradigmático de uma epistemologia de síntese.

Os paradigmas da Filosofia Primeira e as teses de Górgias	Primeiro paradigma: <i>Primeiro, não há nada.</i>	Segundo paradigma: <i>Se algo houvesse, não poderia ser (re)conhecido.</i>	Terceiro Paradigma: <i>E, se pudesse ser (re)conhecido, não poderia ser comunicado.</i>	
			<i>Intentione recta</i>	<i>Intentione obliqua</i>
Filosofia Primeira - ou Metafísica	Ontologia - no sentido aristotélico (realismo)	Filosofia Transcendental do Sujeito - no sentido kantiano (idealismo)	Semiótica Transcendental - o ser como objeto possível de uma interpretação do mundo mediada por signos	Epistemologia de Síntese - o novo paradigma da teoria do conhecimento
Lógica	Lógica formal/material - filosofia da ciência (racionalismo/ empiricismo)	Lógica dialética - (estruturalismo genético)	Hermenêutica ou dialógica sócrática - pedagogia da construção do entendimento - (construtivismo)	Heurística ou semiósis - metodologia dos processos cognitivos (estruturais ou genéticos)
Filosofia Prática	Pragmática (utilitarismo)	Relativismo cultural (historicismo)	Ética - princípios dos processos de formação e desenvolvimento da consciência moral (holismo)	Política - disciplina da intervenção racional na reprodução/reconstrução do mundo da vida

De alguma forma, esses conceitos, como (re)esquematizados na **Tabela 15**, se constituem num recurso heurístico para a fundamentação da resposta, que se poderia oferecer contemporaneamente aos três desafios do sofista GÓRGIAS:

- Se este texto, e o projeto de trabalho que o sustentou e que ele permite descortinar, tornou possível o entendimento, entre falante e ouvinte (professor e aluno), então isso significa que **algo pode ser comunicado**. O entendimento - como SIGNO-REPRESENTÁMEN - é o princípio transcendental da comunicação.

- A medida em que algo pode ser comunicado, pela disciplina própria do seu OBJETO, é racional e assim **pode ser (re)conhecido**. A razão assegura a reprodução do conhecimento no processo da comunicação.
- Finalmente, a medida em que algo pode ser (re)conhecido, pela conseqüência do seu INTERPRETANTE **admite-se que existe**. Dado que a existência é a condição prática de realização da tríade sógnica.

Deve-se ressaltar que o *locus* da problemática epistemológica, nesta abordagem esquemática, resgata a sua dimensão originária do conceito aristotélico, como CRÍTICA DO CONHECIMENTO ou Metafísica da Verdade. Desvelar todas as implicações dessa concepção, na interação e reconstrução das vertentes paradigmáticas anteriores, constitui um desafio que ultrapassa os limites deste texto e, mesmo, da prática-teórica que ele pretende subsidiar. Não obstante, é lícito propô-lo como um roteiro de investigação, capaz de estimular contribuições significativas à consolidação do novo paradigma.

Na análise da **Tabela 15**, emerge uma configuração de sentidos que denota: o paralelismo da SEMIÓTICA TRANSCENDENTAL, HERMENÊUTICA e ÉTICA, como desdobramentos do paradigma triádico, no polo do **agir comunicativo**; e da EPISTEMOLOGIA DE SÍNTESE, HEURÍSTICA e POLÍTICA, como desdobramentos do paradigma triádico, **no polo do fazer comunicativo**.

Subsidiariamente, o esquema analítico da **Tabela 15** oferece uma oportunidade para um *insight* fecundo na identificação dos nexos da evolução histórica do pensamento ocidental. O foco de atenção da análise desloca-se: de um momento histórico, que focaliza a metafísica como ontologia - o ser como **OBJETO** do conhecimento; para um segundo tempo onde se tematiza o sujeito transcendental - o ser como **INTERPRETANTE** no apriori do entendimento; e remete, afinal, à compreensão do ser, como **FUNDAMENTO DO REPRESENTAMEN** na relação triádica do signo, para apreender, neste último movimento a sua totalidade.

Assim, no campo da Filosofia Primeira, percebe-se como o **realismo** aristotélico cede espaço ao **subjetivismo** idealista, para, afinal desembocar a história do pensamento na visualização **pragmática** da semiótica transcendental. No plano da Lógica, essa evolução pode ser visualizada, como um deslocamento da postura **racionalista-empiricista** (no seu limite positivista), que deixou sua marca no desenvolvimento científico-tecnológico da civilização ocidental, para o posicionamento crítico da **análise dialética** (e do estruturalismo genético) que desemboca nas concepções contemporâneas do **construtivismo**. Finalmente, no plano da Filosofia Prática, esse deslocamento tem sua origem nos cânones do **utilitarismo** greco-romano, a que se contrapõe o **historicismo** na consolidação dos Estados Nacionais, para posteriormente encontrar a sua síntese - em plena era de globalização - na concepção de mundo que se inscreve numa ética **holista** ou ecologista.

Enfim, a seqüência histórica, denotada pelo deslocamento horizontal, nos três planos da evolução paradigmática, visualizada na **Tabela 15**, permite identificar na história do pensamento o movimento de um ciclo que se fecha, clarificando a circularidade de seu fundamento. Nesse sentido, o filósofo concebe: “(...) a *Semiótica Transcendental* (...) como um paradigma da Filosofia Primeira e (...) como a idéia de base a partir da qual a possibilidade de todos os três paradigmas da Filosofia Primeira são derivados. (...) Essa dupla função da *Semiótica Transcendental* de fato expressa a afirmação de que a *Semiótica Transcendental* não é simplesmente o terceiro tipo numa enumeração (randômica) de tipos possíveis de Filosofia Primeira, mas ocupa seu lugar de acordo com uma ordem seqüencial, que é capaz de justificar

a si mesma, de tal modo que ela possa colocar a si mesma como uma síntese possível e necessária dos dois paradigmas anteriores da Filosofia Primeira [APEL mimeo-UFRGS].

É relevante perceber, a guisa de uma conclusão provisória, que, se de alguma forma, no que refere à sucessão dos três paradigmas da Filosofia Primeira, a concepção triádica representa uma terceiridade sígnica - um momento de transuasão e síntese; no aspecto específico da sua inferência, ela se constitui numa primeiridade. Nessa última perspectiva, o processo histórico da tríade na investigação filosófica, não começou em ARISTÓTELES. Talvez se possa localizar esse princípio em GÓRGIAS, cuja hipótese do absurdo é uma primeiridade provocativa, que vai encontrar no estagirita o momento especulativo da sua obstância, e em KANT a tematização da respectiva transuasão e síntese.

O desafiante, sob este prisma da inferência, é que estaríamos vivenciando hoje, neste Terceiro Paradigma da Filosofia Primeira, um momento único, eis que o fechamento de um ciclo paradigmático se constrói sobre a tematização da **originalidade**, do aspecto sígnico do **fundamento** de uma concepção que, assim, foge à determinação própria dos conteúdos que lhe são anteriores - da circularidade de tese, antítese e síntese, no ciclo paradigmático que se encerra. Um período histórico, que se abre **sob o signo de uma hipótese abducionária**, cuja margem de liberdade no agir e no fazer comunicativos, em última instância, constitui-se no principal, e afinal, talvez, no único e definitivo argumento a justificar a ousadia deste texto.

Nossa pretensão, no entanto, se apequena diante do significado do momento que vivemos, clarificada nesse argumento. E não só pela crucialização da crise do centificismo, que hoje afeta e coloca em risco os prospectos da vida humana sobre a face do planeta, como também pela perspectiva ínsita do nosso afrontamento teórico. Porque daqui para frente a nossa responsabilidade triplica. Se estamos, efetivamente, abrindo um novo ciclo paradigmático na história do pensamento, **somos de alguma forma responsáveis**, na ênfase das nossas visões, tanto quanto na consequência das nossas omissões, **pelo que vier a ser entendido e conhecido nas próximas duas revoluções paradigmáticas à frente**. E isso é muito grande, muito belo e muito grave!